

Wilhelm Müller

Viagem de Inverno

Boa-noite

Estrangeiro, cheguei,
E estrangeiro parto.
Maio acolheu-me favorável
Com muitos ramos de flores.

A rapariga falou de amor,
A mãe até em casamento,
O mundo agora está tão sombrio,
O caminho coberto de neve.

Para a minha viagem não posso
Escolher eu o momento,
Tenho de encontrar o meu caminho
Nesta escuridão.

A sombra da lua
É a minha companheira,
E nos campos brancos
Procura as pegadas da caça.

Para que hei-de demorar-me,
Até me expulsarem daqui?
Deixa ladrar os cães enlouquecidos
Diante da casa do seu dono!

O amor gosta de vagabundear
Foi Deus que assim o fez
Passa de um para o outro
Boa-noite, meu amor!

Não quero perturbar os teus sonhos,
Prejudicaria o teu descanso.
Não deves ouvir os meus passos
Fecho a porta docemente!

Ao passar, escrevo-te
Na porta “Boa-noite”,
Para que possas ver,
Que pensei em ti.

O cata-vento

O vento brinca com o cata-vento
Na casa da minha bela amada.
Pensei então na minha loucura,
Que ela troçava do pobre fugitivo.

Ele devia ter notado antes,
O emblema posto no cimo da casa,
E assim nunca teria procurado
Na casa o retrato da mulher fiel.

Dentro o vento brinca com os corações
Como no telhado, mas com menos ruído.
Para que vos preocupais com a minha dor?
A vossa filha é uma noiva abastada.

Lágrimas geladas

Lágrimas geladas caem-me
Pelas faces abaixo;
Como se não tivesse notado,
Que tinha estado a chorar?

Ah, lágrimas, lágrimas minhas,
Sereis vós tão tépidas,
Que vos transformeis em gelo,
Como o fresco orvalho matutino?

E contudo brotais da nascente
Do meu peito tão escaldantes,
Como se quisésseis derreter
Todo o gelo do inverno!

Torpor

Em vão procuro na neve
Os vestígios dos seus passos,
Quando, pelo meu braço
Percorreu os prados verdes.

Quero beijar o chão,
Atravessar o gelo e a neve
Com as minhas lágrimas ardentes,
Até ver a terra.

Onde encontrarei uma flor,
Onde encontrarei uma erva verde?
As flores morreram
A relva está ressequida.

Não há então uma recordação
Que possa levar daqui?
Quando a minha dor se calar,
Quem me falará dela então?

O meu coração parece gelado,
Nela a sua imagem olha friamente;
Se o coração se me derreter de novo,
A sua imagem irá também na torrente!

A tília

Perto da fonte, diante da ponte
Encontra-se uma tília;
Eu sonhei, à sua sombra
Tantos sonhos agradáveis.

Gravei na sua casca
Tantas palavras de amor;
Na dor e na alegria
Sempre me atraiu para si.

Tive também hoje de passar
Diante dela, noite profunda,
E mesmo na escuridão
Fechei ainda os olhos.

E os seus ramos sussurravam,
Como se me chamassem;
Vem ter comigo, companheiro,
Aqui encontrarás o teu sossego!

Os ventos frios sopravam
Diretamente no meu rosto;
O chapéu fugiu-me da cabeça,
Mas eu não me voltei.

Agora estou há várias horas
Afastado daquele lugar,
E ouço sempre murmurar:
Ali encontrarias o teu sossego!

Inundação

Muitas lágrimas dos meus olhos
Tombaram sobre a neve;
Os seus flocos gelados absorveram
Avidamente a minha dor ardente.

Quando a erva quer despontar,
Sopra ali um vento tépido,
E o gelo parte-se em bocados
E a neve mole derrete-se.

Neve, tu que conheces a minha ansiedade,
Diz-me, para onde vai o teu curso?
Segue apenas as minhas lágrimas,
Em breve te recolherá o regato.

Atravessarás com ele a cidade,
Entrando e saindo nas ruas animadas;
Quando vires as minhas lágrimas incandescentes,
Aí é a casa da minha amada.

À beira do rio

Tu que murmuravas tão alegremente,
Tu, rio claro e impetuoso,
Como te tornaste calmo,
Não me dás um último adeus!

Como um camada dura e hirta
Cobriste-te todo por cima,
Repousas frio e imóvel
Estendido sobre a areia.

No teu manto, gravei
Com uma pedra aguçada
O nome da minha amada
Assim como a hora e o dia:

O dia do primeiro encontro,
O dia em que me fui embora;
E redor do nome e dos números
Enrola-se um anel quebrado.

Neste regato, coração meu
Reconheces a tua imagem?
Haverá sob o seu manto
Também em caudal tão agitado?

Olhar o passado

Sinto o solo escaldar-me debaixo dos pés,
Embora caminhe sobre o gelo e a neve,
Não queria voltar a tomar fôlego,
Até deixar de avistar as torres.

Fui de encontro a todas as pedras,
Tanto corri para sair da cidade;
Os corvos lançavam neve e granizo
Sobre o meu chapéu, de todas as casas.

Quão diferente tu me acolhes-te,
Cidade da inconstância!
Nas tuas janelas reluzentes cantavam
A cotovia e o rouxinol ao desafio.

As vigorosas tílias estavam cheias de flor,
As torrentes límpidas sussurravam vivamente,
E ai! Dois olhos de rapariga resplandeciam!
Foi esse o teu mal, meu rapaz!

Quando esse dia me vem à lembrança,
Gostaria bem de poder olhar para o passado,
Gostaria de recuar de novo, cambaleando,
E ficar em silêncio, diante da sua casa.

Fogo fátuo

Para os abismos mais profundos
Atraiu-me um fogo fátuo:
Como encontrar uma saída,
Não me traz grande preocupação.

Estou habituado a errar sem norte,
Todos os caminhos levam ao alvo:
As nossas alegrias, as nossas penas,
É tudo um jogo de fogos fátuos!

Pelo leito seco da torrente da montanha
Serpenteio calmamente até abaixo,
Todos os ribeiros vão dar ao mar,
Todos os sofrimentos à sepultura.

Repouso

Só agora reparo como estou cansado,
Quando me deito para repousar;
Vaguear mantinha-me animado
Por caminhos pouco hospitaleiros.

Os pés não me pediam descanso,
Estava demasiado frio para parar;
As costas não sentiam, qualquer fardo,
A tempestade impelia-me para a frente.

Na casa estreita de um carvoeiro
Encontrei um abrigo;
Mas os meus membros não descansam,
Tanto me ardem os ferimentos.

Também tu, coração, na luta e na tormenta
Tão bravio e tão temerário,
Sentes no silêncio, pela primeira vez, a serpente
Mover-se e morder-te ferozmente!

Sonho de Primavera

Sonhei com flores coloridas,
Tal como desabrocham em Maio;
Sonhei com campos verdes,
Com o alegre cantar dos pássaros.

E quando os galos cantaram,
Abriram-se os meus olhos;
Estava frio e sombrio,
Os corvos gritavam no telhado.

Mas então, nos vidros das janelas,
Quem pintara aquela folhagem?
Bem podeis rir do sonhador,

Que via flores no inverno!

Sonhava com amor correspondido,
Com uma bela rapariga,
Com corações e beijos,

Com a alegria e a felicidade.
E quando os galos cantaram,
O meu coração despertou;
Agora estou aqui sentado sozinho

E medito sobre o meu sonho.
Os olhos fecho-os de novo,
O coração bate-me ainda tão forte.
Quando se tornarão verdes as folhas na janela?
Quando tomarei a minha amada nos meus braços?

Solidão

Como uma nuvem sombria
Passa na atmosfera luminosa,
Quando no topo dos pinheiros
Sopra uma brisa suave:

Assim eu sigo o meu caminho
Avançando com passos indolentes,
Através da vida jovial e feliz,
Só e sem saudações de ninguém.

Ah! Como a atmosfera está calma!
Ah! Como o mundo está luminoso!
Quando as tempestades rugiam,
Não me sentia tão desventurado.

O correio

Naquela rua soa um postilhão.
Que tem isso, para que batas tão forte,
Meu coração?

O correio não traz nenhuma carta para ti.
Porque palpitas então dessa maneira estranha,
Meu coração?

Ah, sim, o correio vem da cidade,
Onde eu tinha uma namorada,
Meu coração!

Queres apenas ir ver do outro lado
E perguntar como vão por lá as coisas,
Meu coração?

A cabeça grisalha

A geadinha espalhou um brilho alvo

Sobre os meus cabelos;
Pensei então ser já um velho
E fiquei muito contente.

Mas em breve se derreteu,
E tenho de novo o cabelo preto,
Como me horroriza a minha juventude:
Que longe ainda estou da sepultura!

Do crepúsculo à alvorada
Muitas cabeças se tornam grisalhas.
Quem acredita? A minha não o ficou
Em toda esta longa viagem!

A gralha

Uma gralha veio comigo
Quando saí da cidade,
Andou até hoje, sem parar
Voando em redor da minha cabeça.

Gralha, estranho animal,
Não me queres abandonar?
Julgas que, em breve, como duma presa
Te apoderarás do meu corpo?

Bem, não poderei continuar por muito tempo
Com o meu bordão de peregrino.
Gralha, deixa-me ver finalmente,
A fidelidade até ao túmulo.

Última esperança

Aqui e ali, nas árvores
Podem ver-se várias folhas coloridas,
E eu fico em frente das árvores
Muitas vezes a pensar.

Contemplo uma daquelas folhas,
Ponho nela a minha esperança;
Se o vento agita a minha folha,
Estremeço tanto quanto posso estremecer.

Ai, e se a folha cai ao chão,
Cai com ela a minha esperança;
Caio eu ao chão com ela,
Choro sobre o túmulo da minha esperança.

Na aldeia

Os cães ladram, as correntes tilintam;
As pessoas dormem nas suas camas,
Muitas sonham com o que não têm,
Deleitam-se com o bem e o mal.

E amanhã de manhã tudo se desvaneceu.
Ah sim, mas eles gozaram a sua parte,
E esperam, que aquilo que ainda deixaram,
O irão encontrar de novo sobre as almofadas.

Ladrem para me afastar, cães de guarda,
Não me deixeis descansar na hora de dormir!
Acabaram-se-me todos os sonhos,
Para que hei-de demorar-me entre os que dormem?

Manhã de tempestade

Como a tempestade despedaçou
O manto cinzento do céu!
Os farrapos de nuvens esvoaçam
Em volta numa luta frouxa.

E chamas de fogo vermelho
Perpassam por entre eles;
É a isto que chamo uma manhã
Exatamente ao meu gosto!

O meu coração vê no céu
Pintada a sua própria imagem –
Trata-se apenas do Inverno,
O Inverno frio e agreste!

Ilusão

Uma luz amiga dança à minha frente,
Sigo-a a torto e a direito;
Sigo-a contente e observo,
Que ela atrai o caminhante.

Ah, quem é tão infeliz como eu,
Cede alegremente ao ardil colorido,
Que atrás do gelo, da noite e do pavor
Lhe revela uma casa quente e iluminada.

E dentro uma alma querida: –
Só na ilusão posso encontrar proveito!

O poste indicador

Porque evito então os caminhos,
Por onde seguem os outros viandantes,
Procuro atalhos encobertos
Através dos cumes nevados?

Não cometi nenhum crime,
Que me obrigue a evitar os homens,
Que desejo insensato
Me impele para os lugares desertos?

Nas estradas erguem-se postes,

Apontando para as cidades,
E eu vagueio incessantemente,
Sem descanso, à procura de repouso.

Vejo um poste ali erguido
Imóvel perante o meu olhar;
Tenho de seguir por uma estrada,
Da qual nunca ninguém voltou.

A estalagem

Foi até um cemitério que o meu caminho me trouxe.
É aqui que quero morar, pensei para comigo.
Estas coroas mortuárias verdes podiam bem ser o sinal,
Que convida o viandante cansado a entrar na fresca estalagem.
Estão então nesta casa os quartos todos ocupados?
Estou cansado, quase a desmaiar, estou ferido de morte.
Ó impiedosa estalagem, não me queres então acolher?
Vamos pois em frente, sempre em frente meu fiel bordão de viandante.

Coragem

Se a neve me bate na cara,
Sacudo-a para longe.
Quando o coração me fala no peito,
Canto sonora e alegremente.

Não escuto o que ele me diz,
Não tenho ouvidos;
Não sinto do que ele se queixa,
Queixumes são para os néscios.

Contente pelo mundo for a
Contra o tempo e o vento!
Se não há um Deus na terra,
Somos nós próprios os deuses!

Os Parélios

Vi três sóis parados no céu,
Fitei-os longa e fixamente;
E eles também estavam lá tão imóveis,
Como se não quisessem afastar-se de mim.

Ah, vós não sois os meus sóis!
Contemplai outros no rosto!
Sim, até há pouco também eu tinha três;
Mas os dois melhores caíram.
Se o terceiro fosse igualmente embora!
Sentir-me-ia muito melhor na escuridão.

O tocador de realejo

Lá ao longe, atrás da aldeia está um tocador de realejo,
E com os dedos enregelados dá à manivela como pode.
Descalço sobre o gelo vacila de um lado para o outro

E o seu pequeno prato fica-lhe sempre vazio.

Ninguém gosta de o ouvir, ninguém lhe lança um olhar;
E os cães rosnam em volta do velho mendigo.
E ele deixa tudo correr, tudo como calhar,
Toca, e o seu realejo nunca está silencioso.

Estranho ancião, Devo ir contigo?
Queres, com o teu realejo, as minhas canções acompanhar?

TRADUÇÃO DE MARIA FERNANDA CIDRAIS